

# **PAULO FREIRE E O PROJETO E-STÓRIAS:**

## **UM DIÁLOGO DE LIBERDADE**

**RAFAEL VIEIRA ALEXANDRE - [RAFAEL@ESCOLAANITA.COM](mailto:RAFAEL@ESCOLAANITA.COM)**

### **RESUMO**

O objetivo deste artigo é analisar o “projeto E-stória” à luz das ideias de Paulo Freire. O pensamento Freireano<sup>1</sup> vai muito além da dependência do "poder" com os conceitos da "alfabetização, leitura e escrita". A comunicação é uma das linhas basilares da proposta educativa do autor para auxiliar o ser humano a libertar-se da dominação e submissão, ampliando sua aptidão crítico-reflexiva. Com este pensamento, criou-se o projeto E-stórias, que é uma sequência didática que surgiu da necessidade de ampliar as habilidades no âmbito do letramento digital das alunas e alunos das duas turmas do oitavo ano da EMEF Anita Garibaldi, além de dar voz a um público acostumado à domesticação. Com o objetivo de mostrar o caminho para uma liberdade possível, planejamos e aplicamos oficinas de análise linguística de gêneros digitais, aplicando este conhecimento em contextos reais de produção; produziram textos coletivos, utilizando o compartilhamento em nuvem; utilizaram ferramentas de buscas de informações e foram guiados para os dados que são confiáveis, empregando referências em seus estudos; foram introduzidos ao armazenamento em nuvem e sua utilização; estudaram e produziram cartas abertas, uma delas escrita coletivamente e que será publicada e exigirá uma demanda real da vida da comunidade. Durante a aplicação do projeto, nota-se um grande aumento das habilidades dos alunos a respeito da escrita digital e seus gêneros. Houve grande ganho na produção textual, com reescritas facilitadas e com interferências mais pontuais e efetivas por parte do professor e dos colegas. Observa-se a mudança de mentalidade e comportamento: agora mais autônomo, protagonista, resiliente e curioso.

### **JUSTIFICATIVA E CONTEXTUALIZAÇÃO**

Eu estava com muita vontade de escrever uma carta.

De todas as outras justificativas que se seguirão, esta está mais próxima da verdade, na verdade: Papel de carta, cheiros na/da celulose, selos e envelopes. A despeito da minha geração Y, fui um escritor de cartas, contando histórias a distância em folhas palpáveis, ao mesmo tempo que era explorador do mundo digital, tão hostil, extravagante e tosco - lá nos deslocados anos 90. E quando estes anos acabaram, foram-se também meus envelopes, papéis

---

<sup>1</sup> FREIRE, Paulo. Comunicação ou extensão. Paz e Terra, São Paulo, 1970.

e esperas ansiosas.

E eu queria isso novamente.

Mas, aparentemente, os desejos do professor não são obrigatórios aos alunos. Perguntava carta, me respondiam *zapzap*. A escrita tem que ser mais diversa que isso – mais diversa, mais completa, mais cuidadosa, mais carinhosa – ou me engano?

Mas o anseio de meus alunos não é vazio, não é vago. É incontestável o poder que as mídias digitais possuem hoje. Mas então porque desta insistência com trabalhar com gêneros digitais? Todo professor pressupõe um vasto conhecimento da geração Z sobre os computadores, nascidos de *tablet* na mão. Zona de conforto? Quando inquiridos sobre as tecnologias digitais, os educandos parecem mostrar pouca habilidade sobre o assunto: “internet é a mesma coisa que rede social”; “e-mail é aquela coisa que colocamos para acessar o *Facebook*”; “em casa eu não tenho internet, somente *wi-fi*”... Como é possível?

A resposta começa a aparecer quando analisamos a realidade local. A escola Anita Garibaldi fica na divisa de Igrejinha com Três Coroas. A escola possui uma considerável rotatividade de alunas e alunos. Segundo o projeto político pedagógico da escola, 40% dos alunos são de fora da cidade, e 60% das famílias se sustentam com dois salários mínimos ou menos, com uma média de 4 pessoas por família. Não é difícil inferir que a realidade dos alunos é difícil, de poucos recursos e estímulos ao letramento, seja o do mundo digital ou da escrita de cartas. A escola Anita Garibaldi é relativamente pequena, já que nosso estabelecimento de ensino conta com 250 estudantes, da pré-escola ao 9º ano. Independente do comportamento em sala, os discentes (segundo ANITA GARIBALDI<sup>2</sup>, 2015):

“percebem a escola como um porto seguro, pois sentem-se muito à vontade no ambiente escolar, não raras vezes mais seguros aqui do que nos seus lares [...]. Nossa comunidade é bastante carente e sem estrutura familiar. A maioria dos pais e mães têm pouco estudo, e não parecem não priorizar os valores intelectuais.”

Ao compreender a contextualização da escola e compará-la com os estudos sobre as gerações do pós-guerra, é fácil perceber a discrepância entre a descrição desta comunidade e da chamada geração Z (conforme CERETA<sup>3</sup>, 2011):

“Esses adolescentes da Geração Z nunca conceberam o mundo sem computador, chats e telefone celular e, em decorrência disso, são menos deslumbrados que os da Geração Y com chips e joysticks. Sua maneira de pensar foi influenciada, desde o berço, pelo mundo complexo e veloz que a tecnologia engendrou.”

O autor Ciriaco<sup>4</sup> (2009) também chama a geração Z como a “Geração Silenciosa”, por

---

<sup>2</sup> ANITA GARIBALDI, Escola Municipal. Projeto político-pedagógico. Igrejinha, 2015.

<sup>3</sup> CERETA, Simone Beatriz; FROEMMING, Lurdes Marlene. Geração Z. In: revista Eletrônica do Mestrado Profissional em Administração de Universidade Potiguar. Rio Grande do Norte. RAUnP, 2011.

<sup>4</sup> CIRIACO, Douglas. O que é a geração z? [s/I]. 08 jul. 2009. Disponível em:

<<http://www.baixaki.com.br/info/2391-o-que-e-a-geracao-z-.htm>> Acesso em: 10 jun. 2015.

ficarem ininterruptamente de fones de ouvido (seja em transporte público, instituições, em casa...), por ouvirem pouco e articularem menos ainda. Em efeito, essa geração pode ser conceituada como aquela que tende ao individualismo, pois o jovem tende a preocupar-se somente consigo na maior parte das vezes.

Uma dúvida começou a comichar dentro do peito, aquela expectativa confortável, aquele anseio querido. E se este conhecimento em tecnologias de comunicação e informação que pressupomos nos mais jovens não se mostrar tão amplo? E se não for nem um décimo disso? E se a geração Z possuir, apesar da idade, uma participação muito mais parecida com a da geração X? Quanto poder de comunicação meus alunos estarão perdendo se não dominarem estes gêneros textuais digitais? Quão diminuída será sua voz se não ecoar em bytes e bits?

Paulo Freire<sup>5</sup> mesmo não desvaleu a produção da mídia, especialmente na utilização de recursos mais elaborados de diálogo. O professor avaliou que as competências de um ser humano livre são as da leitura e da escrita, assim como a competência de encarar os acontecimentos habituais pelo meio da comunicação, seja na sua forma escrita ou de redes telemáticas. Em suma, apoia que se trabalhe para um letramento político e conceitual, entretanto sempre em relação dialética. Seguindo esta visão, a questão é aparelhar os alunos com ferramentas de desvendar, desarmar e recriar episódios intrincados de escrita e leitura.

Mas eu ainda queria escrever cartas.

Foi neste momento escutei aquele som familiar de algo que sempre deveria ter ficado junto se encaixando: Vamos viajar pelo mundo das cartas então, e vamos conhecer suas correspondentes 2.0! Vamos utilizar as ferramentas do mundo digital para escrever todo tipo de mensagem, vamos estudá-las e usar suas ferramentas para fazer com que nossas mensagens cheguem mais longe! Progrediremos até a carta aberta, conforme Simões<sup>6</sup> (2012) e ninguém mais poderá ficar indiferente à nossa opinião.

Vamos escrever cartas afinal de contas. Cartas sem cheiro ou papel especial, sem caligrafia cuidadosa. Mas cartas que atravessam o mundo em segundos, que podem ser lidas por milhares, assinada por centenas, replicada, compartilhada, corroborada, com o poder de uma bomba e o peso de uma pena. Cartas que darão voz aos acostumados a ficar em silêncio, protagonismo para quem se supôs figurante, ação para quem foi dito para ficar quietinho. Cartas que movem, cartas que mudam, em ondas digitais. Daquela de papel para aquelas

---

<sup>5</sup> FREIRE, Paulo & GUIMARÃES, Sergio. Sobre educação (Diálogos). 2ªed. Paz e Terra, São Paulo, 1984. V.2, Discussão sobre Meios de comunicação de massa, a informática, o processo educativo e seu substrato político.

<sup>6</sup> SIMOES, Luciene Juliano. Leitura e autoria: planejamento em Língua Portuguesa e Literatura. Colaboração de MARCHI, Diana Maria; FILIPOUSKI, Ana Mariza R. RAMOS, Joice Welter. Erechim: Edelbra, 2012.

eletrônicas, das íntimas até as intimidadoras, daquelas que contaram nossas histórias até aquelas que determinarão nossas E-stórias.

**DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA:** Posta a necessidade e os objetivos do letramento digital, o próximo passo é o do planejamento. Após pesquisas, decidimos que nosso foco principal é o gênero carta aberta. Como objetivo final, fixamos a produção coletiva do gênero, que terá como pauta uma exigência de grande importância para o bairro. Junto com a carta, no mesmo *site*, um vídeo com a narração da carta, lida pelos alunos, com imagens produzidas por eles, com o intuito de aumentar o poder de persuasão da mensagem.

Esta organização não é vã, não é mero motivador para introduzir o letramento digital: o gênero de carta aberta foi a maneira como Paulo Freire organizou suas *cartas pedagógicas*, publicadas postumamente no livro *Pedagogia da Indignação*<sup>7</sup>. Tampouco o aspecto tecnológico escapou a observação do autor:

O desenvolvimento tecnológico deve ser uma das preocupações do projeto revolucionário. Seria simplismo atribuir a responsabilidade por esses desvios à tecnologia em si mesmo. Seria uma outra espécie de irracionalismo, o de conceber a tecnologia como uma entidade demoníaca acima dos seres humanos. Vista criticamente, a tecnologia não é outra coisa senão a expressão natural do processo criador em que os seres humanos se engajam no momento em que forjam o seu primeiro instrumento com que melhor transformam o mundo.<sup>8</sup>

Como organização, decidimos utilizar o sistema de oficinas, alternando leitura, análise linguística, produção textual, apropriação de ferramenta e, novamente, para a leitura (a partir de BRASIL<sup>9</sup>, 1998). Todas as oficinas foram desenhadas para a utilização de projetor e, obviamente, o laboratório de informática, quando não as duas ferramentas.

Importante ressaltar que, embora as atividades sejam aqui descritas de forma linear, as tarefas foram revisitadas conforme a oficina progredia. Com mais informações sobre determinado texto, por exemplo, podíamos analisar melhor seus aspectos sociais, rever a produção dos alunos e alunas no mesmo gênero, e assim por diante. A cada progresso nas habilidades feitas, com a ajuda das mídias digitais, o processo todo era revisto e retrabalhado, em uma correlação muito mais parecida com uma espiral do que uma linha contínua. Esta relação espiralada com o conhecimento não foi somente prevista, mas foi incentivada.

**Oficina 1: Introdução ao projeto E-stórias:** A oficina 1 serviu para estabelecermos os parâmetros básicos da nossa busca. Efetuamos a leitura da “Carta Aberta de Artistas Brasileiros sobre a devastação da Amazônia”, analisando também o vídeo criado a partir da reivindicação dos artistas. Importante ressaltar que esta análise só terminou após o acesso ao

<sup>7</sup> FREIRE, Paulo. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*, Editora Unesp, 2000.

<sup>8</sup> FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade*. 5ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1981.

<sup>9</sup> BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa* - Brasília: MEC/SEF, 1998.

site da fundação Amazônia para sempre, porque somente com a carta em seu contexto original é que um exame completo poderia ser feito. Como diagnóstico do domínio digital, os alunos receberam a tarefa de criar seu e-mail e enviar uma mensagem para o professor, sem maiores explicações. Confirmamos aqui nesta oficina nossa tese inicial: o conhecimento que pressupomos que esta geração detém pleno conhecimento digital não procede, levando um tempo bem maior do que o imaginado para criação do endereço eletrônico. Para finalizar a oficina, assistimos o curta Ilha das Flores, de Jorge Furtado<sup>10</sup>.

**Oficina 2: Meu endereço dois-ponto-zero:** Oficina de análise linguística e produção textual, onde o gênero e-mail foi a base. Primeiro, começamos com uma explanação sobre o funcionamento básico da internet e, juntamente, do e-mail. Falamos sobre como o endereço eletrônico se constitui, sobre os diferentes provedores e suas características. Os alunos tiveram como objetivo mandar um e-mail para todos os colegas, com cópia para o professor, com a primeira ideia de carta aberta produzida na oficina anterior. Esta primeira produção é de suma importância, posto que a habilidade de produção de carta aberta foi avaliada a partir desta e as oficinas planejadas a partir das dificuldades mais recorrentes nestes e-mails. A diferenciação entre carta aberta e os outros tipos de carta foi a dificuldade mais saliente. E isso nos leva a oficina 3.

**Oficina 3: Nanodiferenças:** Neste momento, queríamos que os discentes conhecessem os gêneros que se assemelham a carta aberta por terem como principal ponto de partida a necessidade de comunicação – a carta de reclamação, carta pessoal, abaixo-assinado, e-mail, carta do leitor, carta aberta e carta pessoal. Também, nesta oficina, os alunos e alunos tiveram que orientar-se quanto à identificação das principais características do texto que deverá escrever. Esta pesquisa trouxe uma ferramenta prática, que será usada extensivamente: o compartilhamento de arquivo.

Juntamente com o compartilhamento de textos, foi enviado um *Formulário Google*<sup>®</sup> com questões comparativas dos textos. Esta oficina demandou grande quantidade de questões e atividades que exigiriam um tempo muito extenso e recursos físicos que foram poupados por se usar as mídias digitais. Obtivemos também a compilação de dados de respostas dos alunos, dizendo quais as respostas mais comuns para cada questão, revelando em quais pontos existem dificuldades para serem sanadas.

**Oficina 4: Uma tabela coletiva:** Para sistematizar alguns conhecimentos, decidimos

---

<sup>10</sup> FURTADO, Jorge. ILHA DAS FLORES. Porto Alegre: sp: sd, 1989. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=KAzhAXjUG28>>. Acesso em: abril de 2015.

comparar e definir gêneros próximos coletivamente, além de utilizar ferramentas de edição coletiva de planilhas. Uma das mais esperadas oficinas por nós: nossa primeira tentativa de editoração coletiva. Uma tabela foi montada pelo professor em um ambiente online, e compartilhada com os alunos e alunas por e-mail. Os alunos e alunas foram incentivados a revisar a tabela como um todo, seja a parte que escolheu ou não. Cada edição é controlada pelo sistema, sendo possível para o professor e qualquer editor visualizar o que foi feito, por quem e quando. E, sério, é um processo muito divertido.

Esta foi a oficina em que notamos o pensamento autônomo e livre tão propalado por Paulo Freire. A oficina foi lançada como um problema a ser resolvido, e os discentes resolveram, instigados pela “curiosidade crescente, que pode torná-lo mais e mais criador”<sup>11</sup>. Aqueles que finalizavam assumiam a função de monitor dos afazeres coletivos. Pesquisaram os textos, dividiram leituras e atividades, ajudaram-se.

**Oficina 5: Cabeça nas nuvens:** A oficina foi completamente no laboratório, com o objetivo de mostrar a arquivagem e compartilhamento em nuvem. O professor conectou seu computador ao projetor e conectou-se ao *Google Drive*<sup>®</sup>, enquanto alunos e alunas efetuavam seu *login* nos computadores do laboratório. Explicado os conceitos básicos de armazenamento em nuvem, editoração coletiva, empresas que forneciam estes produtos e a respeito do *Google Drive*<sup>®</sup>, o professor projetou o navegador do seu computador e mostrou, na prática, o funcionamento da nuvem.

Após esta fase, foi solicitado aos alunos e alunas que criassem um arquivo de texto com o *Google Documentos*<sup>®</sup>, escrevessem lá seu “*feedback* a respeito do projeto até então” e compartilhar seu texto com seus colegas. A palavra em inglês foi um truque proposital: foi a fagulha de curiosidade para explicarmos o funcionamento dos motores de busca. Embora a maioria das pessoas saiba como efetuar uma busca simples, poucos sabem que existem várias ferramentas para refinar esta busca, e as alunas e alunos não foram exceção. A resiliência não é só de pensamento, mas de atitude também.

**Oficina 6: Uma carta coletiva:** Com a experiência da edição da tabela coletiva e da produção do feedback, partimos para a criação da carta aberta coletiva, com a temática que foi acertada com a turma: a criação de um campo comunitário para o bairro Garibaldi.

Com a base do texto escrita, os alunos acessaram o documento compartilhado e a editaram. Alguns se ativeram nos aspectos gramaticais, ortográficos e de conexão, alguns

---

<sup>11</sup> FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 39. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009

foram atrás de argumentos sólidos para dar sustentação à reivindicação – uma divisão de surgimento natural. Foi ensinado como criar um referencial simples, como parafrasear ou citar outros autores, e nem cogitar o plágio. O mais interessante da prática desta oficina foi que, em algum momento, os chamados ao professor cessaram, e este ficou esquecido. Os alunos e alunas tinham uma tarefa, possuíam o conhecimento para desenvolvê-la, recebiam apoio dos próprios colegas. Autonomia, autogerenciamento, foco, domínio das ferramentas. Liberdade.

**RESULTADOS OBTIDOS:** Ao final da primeira fase do projeto, podemos ver duas turmas de oitavo ano muito mais participativas, resilientes, autônomas, integradas e colaborativas. O projeto E-stórias se tornou um objetivo a ser cumprido, como uma missão de jogo muito sério. Sobre o *feedback* escrito dos alunos, vale ressaltar comentários como

“Eu estou gostando muito e eu vou usar muito na minha vida a minha família também gostou muito de tudo q eu aprendi.” (E.S. 13 anos)

“O projeto esta maravilhoso, estamos aprendendo um monte de coisas divertidas, que podemos levar para vida toda.” (A.O. 13 anos)

“O projeto E-stórias está sendo muito legal pois todos estão se divertindo e ao mesmo tempo estamos aprendendo,é muito divertido espero que continue assim.” (C.K. 13 anos)

“O que eu aprendi: ferramentas de pesquisa no Google, criar Gmail, ferramentas do corpo do texto, utilizar o Google Drive e identificar novos gêneros textuais como carta aberta, carta de reclamação entre outros e suas características.[...] O projeto foi muito interessante pois aprendi coisas que vou levar pro resto da vida e que vou utilizar muito. Sem falar do fato que a aula se tornou bem mais divertida.” (F.S. 13 anos)

Posteriormente, realizamos pesquisas de autoavaliação com os alunos. A atividade não valia nota para o aluno ou aluna, que não precisava se identificar. O questionário utilizou a escala de Likert em perguntas do quanto o aluno sabia antes e depois do projeto a respeito de alguns assuntos abordados. A averiguação finaliza com perguntas a respeito da utilidade do que foi aprendido, no âmbito escolar e fora dele. Eis uma análise geral do processo:

TEMÁTICAS	ANTES	DEPOIS	CRESCIMENTO
Carta Aberta	0,50	3,85	669%
E-mail	1,73	4,19	142%
Editores de Texto	1,46	3,96	171%
Armazenamento em nuvem	0,58	3,58	520%
Tabelas Coletiva	0,92	3,85	317%
Busca na Internet	3,12	4,46	43%

DA IMPORTÂNCIA	ESCOLA	FORA DA ESCOLA
Carta Aberta	3,85	4,46
E-mail	4,81	4,58
Editores de Texto	4,46	4,15
Armazenamento em nuvem	4,54	4,12
Tabelas Coletiva	4,44	4,00
Busca na Internet	4,65	4,69

O que chama a atenção em um primeiro momento é a porcentagem de crescimento do tema Carta Aberta. Este fato se dá pela média baixíssima de conhecimento anterior que as turmas tinham sobre o gênero e a intensidade do trabalho no último trimestre. Outro número

importante é o armazenamento em nuvem: uma ferramenta tão útil, tão facilitadora do trabalho cognitivo e completamente desconhecida. O contentamento surge de saber que ensinamos a estas turmas algo que vai mudar o modo como eles lidam com a informação.

Se educar para vida é a tarefa mais nobre da escola, o reconhecimento de que o que foi aprendido será útil na escola e fora dela não pode nos fazer sentir de outra forma. Mas, a despeito de todos os dados acima mencionados, o melhor resultado obtido foi a atitude curiosa. Estas turmas sempre foram as turmas dos muitos porquês, extrapolando os limites da área das linguagens. E, mal de todo professor, uma pergunta ficar sem resposta sempre é um espinho dolorido, aquele mal-estar contínuo. Agora, a resposta a qualquer pergunta feita pelos discentes é um “não sei, que tal a gente pesquisar sobre o assunto?”. Não há mais estranheza nesta resposta-pergunta. Há uma compreensão imediata, não audível – ou como um jargão – do que precisa ser feito. Eis aí o nosso melhor resultado obtido: Autonomia. Liberdade.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Trabalhar com o letramento digital está sendo extremamente proveitoso, tanto para aluno quanto para o professor. Queríamos escrever cartas, e estamos escrevendo. Certo, sem o papel e o selo, mas de uma importância e significado ímpar: O de dar voz aqueles que esqueceram como falar.

Atingimos uma ampliação de habilidades que eram pouco desenvolvidas - muitas vezes, eram inexistentes. Tudo com a leveza de uma aula-brincadeira. Mas nunca se perdeu de vista a utilidade e a importância do que se estudava. Focado, mas leve; Sensato, mas divertido. Ao que podemos entender, bastante alinhado à *Pedagogia da Autonomia*<sup>11</sup>.

Estas competências trouxeram a possibilidade de criar um bem para a comunidade, um pedido pungente de uma melhoria na sustentabilidade social do bairro Garibaldi: um campo de futebol público. Concluímos que nada cria mais empenho dos alunos em escrever do que saber que sua produção é real, pensada para convencer pessoas a praticar uma boa ação.

Para que este projeto fosse possível, precisamos estudar muito. Novas tecnologias surgem todos os dias, e se inteirar das mais úteis dá um grande trabalho: o projeto E-stórias dependeu de um planejamento sólido: sem um mapa muito bem desenhado do nosso objetivo e dos meios possíveis de chegar lá, uma aula poderia ser um desastre. A experiência em sala e a organização que esta traz foram vitais para um andamento saudável dos nossos encontros. Quando se lida com computadores e jovens sedentos de mais e mais, não há espaço para improvisação: tudo deve ser muito bem pensado.

Ao mesmo tempo em que laborioso, existe uma satisfação inerente a um trabalho bem estudado e planejado, aquele sentimento de “você nem imaginam o que eu aprontei para você hoje!” ou ainda de “Vamos ver como eles conseguem me surpreender hoje”.